

MOVIMENTAÇÕES LÉSBICAS E VISIBILIDADE: TRAJETÓRIA DE LUTA E (R)EXISTÊNCIA EM FORTALEZA-CE

Larissa Ferreira Nunes

*Doutoranda e Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade
Federal do Ceará. Bolsista FUNCAP/CE.
larissafnpsico@gmail.com*

João Paulo Pereira Barros

*Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará e do Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.
joaopaulobarros07@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 25 – MOVIMENTAÇÕES SOCIAIS LGBTQIA+: ESTRATÉGIAS
DE EFETIVAÇÃO DE DIREITOS E CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo pensar, a partir da narrativa de uma militante lésbica, a produção do corpo lésbico enquanto ferramenta de insurgência política. Essa temática surge de uma pesquisa doutoral que tem como objetivo analisar narrativas sobre trajetórias produzidas por mulheres lésbicas integrantes de movimentos sociais lésbicos que discutem formas de enfrentamento à lesbofobia no Ceará. Ela está ligada ao grupo de pesquisas e intervenções sobre violências, exclusão social e subjetivação (VIESES/UFC). Utiliza-se da pesquisa-intervenção como método qualitativo de investigação, tendo como ferramenta de construção de dados a entrevista autobiográfica e para análise a própria perspectiva feminista. Esta pesquisa faz uso de aportes da psicologia social em diálogo com feminismos lésbicos e decoloniais enquanto produção de epistemologias subalternas junto a mulheres lésbicas. Nesse recorte, a militante lésbica cartográfica os avanços políticos referente aos direitos LGBTQIA+ na cidade de Fortaleza, sobretudo durante a gestão da ex-prefeita Luiziane Lins (PT), tendo uma queda nos avanços desde os novos gestores e pelo enfraquecimento do movimento social. A partir dessa narrativa, espaços coletivos, que ora invisibilizam as lésbicas como instituições políticas, foram habitados e desmantelados pela presença de uma mulher lésbica que faz de seu corpo dissidente matéria de luta e (r)existência. Contribuindo assim para construir políticas públicas para a população LGBTQIA+ na cidade de Fortaleza. Atualmente, mulheres lésbicas e bissexuais têm se unido para pensar um novo coletivo de mulheres que pautem suas singularidades e cobre dos gestores municipais e estaduais políticas públicas voltadas para o cuidado e visibilidade.

Palavras-chave: Movimento lésbico, Lesbianidade, Psicologia.

ABSTRAT

This research aims to think, from the narrative of a lesbian activist, the production of the lesbian body as a tool for political insurgency. This theme arises from a doctoral research that aims to analyze narratives about trajectories produced by lesbian women who are members of lesbian social movements that discuss ways of confronting lesbophobia in Ceará. She is linked to the research and intervention group on violence, social exclusion and subjectivation (VIESES/UFC). Intervention research is used as a qualitative method of investigation, with the autobiographical interview as a data construction tool and the feminist perspective itself for analysis. This research makes use of contributions from social psychology in dialogue with lesbian and decolonial feminisms while producing subaltern epistemologies with lesbian women. In this clipping, the lesbian cartographic activist the political advances regarding LGBTQIA+ rights in the city of Fortaleza, especially during the administration of former mayor Luiziane Lins (PT), with a drop-in advance since the new managers and the weakening of the social movement. From this narrative, collective spaces, which sometimes make lesbians invisible as political institutions, were inhabited and dismantled by the presence of a lesbian woman who makes her dissident body a matter of struggle and (r)existence. Thus, contributing to build public policies for the LGBTQIA+ population in the city of Fortaleza. Currently, lesbian and bisexual women have come together to think of a new collective of women that base their singularities and cover public policies aimed at care and visibility from municipal and state managers.

Keywords: Lesbian movement, Lesbianity, Psychology.

INTRODUÇÃO

Este texto é um desdobramento da pesquisa doutoral da autoria e orientação do segundo autor, na qual tem como campo de problematização estratégias de enfrentamento à lesbofobia no estado do Ceará. Essa pesquisa está ligada ao Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES) ligado a Universidade Federal do Ceará (UFC).

A ideia por essa temática surge pela experiência de vida da autora e das interpelações diante da luta pela visibilidade, direitos e r(e)xistência. A tese utiliza-se da pesquisa-intervenção como ferramenta de pesquisa qualitativa. Os dispositivos de fala e escuta são as entrevistas e o grupo de apoio para as 13 entrevistadas. A tese se encontra em fase de análise de entrevistas e construção das atividades grupais.

Especificamente, esse recorte utiliza-se da narrativa de uma entrevistada da tese para pensar, a partir da narrativa de Mi, a produção do corpo lésbico enquanto ferramenta de insurgência política. Mi (apelido fictício), mulher cisgênero de 45 anos de idade, lésbica, feminista, branca e de classe média. Ainda nova integra movimentos sociais, atualmente é filiada ao Partido do Trabalhadores (PT). Faz importante salientar o que

chamamos aqui de experiência lésbica, mulheres que amam mulheres ou lesbianidade, refere-se a um processo subjetivo de se entender enquanto uma mulher que se relaciona amorosamente e sente desejo sexual e afetivo (BRANDÃO, 2010).

As discussões elucidadas são pensadas a partir da Psicologia Social com teóricas lésbicas, feministas e críticos/as à colonialidade. A entrevista feita utilizou-se a ideia da autobiografia (PASSEGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016). Inspirada em Grada Kilomba (2019), foi feita análise episódicas.

As seções a seguir estão divididas da seguinte maneira: Desenvolvimento, na primeira parte com breve apontamento do movimento lésbico e a crescente atenção dessa realidade enquanto campo de pesquisa, sendo a Psicologia um desses campos de saber que tem dialogado com e sobre a lesbianidade; em segundo, apresenta a trajetória da Mi e a partir dela os avanços político não somente para as mulheres lésbicas, mas para a população LGBTQIA+ na cidade de Fortaleza; por fim, as considerações finais com o fechamento.

DESENVOLVIMENTO

Movimento de mulheres lésbicas: breves apontamentos

O movimento lésbico segue em construção em diferentes campos, tais como político, social e epistemológico. No Brasil da década de oitenta, como relata Soares (2014), ocorreram as primeiras manifestações de mulheres lésbicas em busca de direitos. Buscando também visibilidade, porém em números reduzidos, mas ainda não menos significativas, grupos de mulheres lésbicas buscavam fortalecer sua luta, seja firmando ou não alianças com outros movimentos. É relatado neste trabalho a trajetória percorrida por este movimento a partir das narrativas das participantes de forma direta e indireta, com enfoque nas nos movimentos atuais, bem como estratégias de enfrentamento as quais estas mulheres vêm tecendo em suas cidades.

Uma das principais e a primeira ferramenta que possibilitou catalogar informações dessa população no Brasil foi o Censo de mulheres lésbicas brasileiras (lesbocenso), o qual está em fase de levantamento de dados. O grupo Lesbocídio também foi grande contribuinte para coleta destes dados, trazendo em 2018, o lançamento do primeiro dossiê sobre lesbocídio no país. O referido dossiê contempla inúmeros casos entre os anos de

2014 a 2017, o quais se deram através do monitoramento de mídias sociais, jornais eletrônicos, entre outros meios de comunicação que vinculam informações sobre assassinatos ocorridos no Brasil. Ainda segundo esse dossiê, no ano 2000 foram registrados dois lesbocídios, esse número saltou para 54 vítimas em 2017. Mesmo levando em conta as possíveis subnotificações, podemos perceber o crescimento exponencial desse tipo de crime, atrelado a intolerância e da invisibilidade das agressões sofridas por essa população sendo considerado lesbofobia. Cabe, portanto, ressaltar que lesbocídio é um tipo de assassinato de mulheres lésbicas por motivação de discriminação e preconceito contra a existência de mulheres lésbicas, combinado com repulsa, ódio e insultos destinados a essa parcela da população ou a um indivíduo por meio de sua orientação sexual (PERES; SOARES; DIAS, 2018).

Através de tais ferramentas tornou-se possível a contribuição para que pesquisas acadêmicas tomem dados como referentes a vivência, existência e resistência de mulheres lésbicas como tema de interesse em pesquisas, além de que governos possam considerar e fazer uso destas informações na elaboração de políticas públicas, em específico as voltadas a prevenção desse tipo de crime, dando assim maior visibilidade a dados sobre lesbofobia e ao lesbocídio. Acerca deste tema, o levantamento bibliográfico realizado por Guimarães (2013), o qual aponta que de 175.000 trabalhos, dentre eles dissertações e teses defendidas no país até 2011, cerca de doze (12) possuíam palavras-chaves lésbica, lesbianidade, homoafetividade feminina ou lesbianismo.

Com o objetivo de quantificar e analisar obras e publicações acerca do tema lesbianidade na Psicologia, ao todo a revisão sistemática das autoras Gonçalves e Carvalho (2019), analisaram 121 estudos dessa temática. Ao serem feito uso de descritores lésbicas e Psicologia, foi notado um recente aumento de pesquisas nos últimos anos, contudo, ao retirarem descritores que não tratavam de fato da temática lésbica nos critérios de inclusão, restaram 116 artigos, e a partir dos critérios de inclusão das autoras, por fim, somente 14 publicações foram analisadas. Partindo dessas análises, segundo as autoras, ainda é possível perceber um notável desconhecimento acerca do universo lésbico e suas particularidades, ocorrendo muitas vezes a junção do tema da homossexualidade feminina à masculina, colaborando para uma invisibilidade ou fragilidade nesses estudos. As autoras concluem referindo que a Psicologia, mesmo apresentando uma visível lacuna nos estudos sobre lesbianidade, gênero e sexualidade, tem apresentado significativos avanços nas publicações acerca do tema, embora ainda

permaneça sendo a importante destacar que se tratam de análises críticas as quais tendem a não reforçar estereótipos de sexualidade e gênero (GONÇALVES; CARVALHO, 2019).

A psicologia busca, enquanto campo de saber, prática e pesquisa, reafirmar seu compromisso ético e político com a produção do conhecimento a cerca do tema, baseando-se em experiências de vida subalternizadas, por isso, faz-se necessário abrir-se mão de ideias hegemônicas que ainda permeiam o campo da psicologia enquanto suposto saber (FOUCAULT, 1975), bem como a psicologização de problemas sociais (FOUCAULT, 1975). Cláudia Mayorga et al., (2013), aponta que o gênero é uma importante categoria de análise para a Psicologia, visto que os fenômenos psicossociais são atravessados por suas nuances. Ainda mais com a heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) que além de uma crise existência, por não se adequar-se ao padrão normativo, pode levar ao adoecimento psíquico.

Reitera-se, portanto, a necessidade de uma nova perspectiva da pesquisa em psicologia, sendo esta compromissada com o coletivo e implicada com a transformação social. Ainda nesse sentido, afirma-se como um saber que não naturaliza ou impõe a imparcialidade, ao contrário, transversaliza e se posiciona de forma ética no fazer da pesquisa e intervenção com margem ao centro (hooks, 2019).

De modo geral, atualmente, apesar do avanço percebido, ainda são necessários mais estudos na temática, o quais se proponham a estudar a Psicologia em conluio com a lesbianidade, de preferência sob uma perspectiva decolonial, ou seja, levando em consideração que na formulação atual do mundo e dos modos de subjetivação continua colonial em suas ideias binárias e hierárquicas (LUGONES, 2014). Segundo Yuderkys Epinosa Miñoso (2007) trata-se a colonialidade sendo o lado obscuro da modernidade atual, sendo esta a realidade a qual o feminismo decolonial questiona veementemente os avanços no que se refere aos direitos, a visibilidade e formas de resistência das mulheres no âmbito social. Bem como também percebemos como necessário, que nas pesquisas desenvolvidas sejam considerados a realidade vivida e principalmente as narrativas de mulheres lésbicas as quais, estão em constante busca da notoriedade e de visibilidade das nossas existência enquanto sujeitos políticos e que como uma população que necessita especificidade em cuidados.

A trajetória de luta de Mi: corpo enquanto despositivo de luta

Mi inicia sua narrativa se apresentando, para ela é importante dizer de onde parte e onde se localiza enquanto uma mulher branca de classe social média alta em que vivencia alguns privilégios sociais (CARONE; BENTO, 2020). A leitura das sobreposições sociais e a forma como elas produzem privilégios ou acumula opressões tem sido popularizada por mulheres feministas negras a partir da noção de interseccionalidade (COLLINS, 2019). São pressupostos que podem produzir aliançamentos entre os diferentes movimentos sociais, ao entender que populações tem suas singularidades e por isso, lutas particulares, mas que necessita de todos para uma mudança radical em busca de justiça social.

Ao falar de sua inserção em movimentos sociais, Mi conta que percebeu isso, ao fazer a leitura hoje do passado, que sempre teve um ideal ético em não aceitar injustiças sociais. Um episódio a marca nesse sentido, na escola era bolsista de esporte e mesmo assim participou ativamente de movimentos político-estudantil diante do aumento exorbitante das mensalidades. Questionado pelo diretor sobre o motivo que a levou a participar dos “atos rebeldes”, a mesma conta que diz a ele que não estava lá por ela, mas pelo o coletivo. Para Mi, esse ideal ético é sua bússola na militância.

Outra cena interessante na entrevista de Mi refere-se a dimensão de movimento, enfrentamento e luta que ela dá a militância. Para ela, integrar um coletivo organizado ou um partido político que vise acabar com a desigualdade social são pontos importantes para construir políticas públicas e mudanças efetivas, mas, é não se resume nisso. Para Mi, ser uma mulher lésbica em uma sociedade que ensina a rivalidade entre mulheres ou que dissemina misoginia, amar uma outra mulher já é em si uma luta diária. Estar entre os seus seria então uma estratégia de (sobre)vivência. Sobretudo para as mulheres que ainda não conseguiram, e talvez não consigam, enfrentar a lesbofobia e assumir para a comunidade que se relacionamento afetivamente e sexualmente com outras mulheres. Segundo Mi, para essas mulheres em específico o agrupamento clandestino é uma das poucas formas de vivenciar suas lesbianidades.

No que refere à sua inserção na militância, ao ingressar cada vez mais na luta coletiva de mulheres lésbicas, Mi conhece o movimento estudantil universitário, onde fortalece elos com Luizianne Lins e o Partido do Trabalhadores (PT). Desde a inserção de um partido de esquerda é possível observar que minorias sociais tem ganhado mais destaque, como por exemplo: movimento de saúde mental, com incremento de leis e do

fortalecimento da desinstitucionalização e um novo olhar biopsicossocial para a saúde mental e também o movimento LGBTQIA+ que tem para ela o marco o programa Brasil Sem Homofobia de 2004 e do fortalecimento do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos LGBT, ainda no começo do primeiro mandato do governo Lula.

Mi atuou ativamente na campanha e posteriormente em cargos públicos (comissionados) da prefeita Luizianne Lins (PT), onde é notório o avanço de políticas, secretárias e até mesmo Centros de Referências voltados para à população LGBTQIA+. Algumas cenas são destacadas por ela: A primeira, ainda na década de noventa, mas que Mi fortaleceu enquanto atuante do movimento da juventude, é a Lei Municipal 8211/98, em que estabelecimentos comerciais são passíveis de punição caso exerçam discriminação sexual. A segundo está entrelaçada ao LAMCE (Lésbicas e Bissexuais Atuantes No Ceará) e a IV Parada da Diversidade da capital. Segundo ela, um grupo de lésbicas de diferentes territórios e grupos coletivos se uniram para pensar a atuação delas no trio, denominado “parada delas”, destinado ao movimento lésbico da cidade na IV Parada da Diversidade. Posteriormente, essas mulheres uniram-se para formar o LAMCE.

O LANCE nasce, então, em 2004, movimento ainda recente, mas que, conseguiu colocar em prática uma série de ações ligadas às questões da sexualidade voltadas para visibilidade, garantia, cidadania e efetivação dos direitos de mulheres lésbicas e bissexuais (OLIVEIRA, 2015). Atualmente ele está um pouco parado, pois as fundadoras encontram-se em outras atividades, algumas se mudaram e outras continuam ativas no movimento lésbico de Fortaleza. Cabe dar destaque à leitura de Mi acerca da dificuldade de manter um movimento institucional ou não lésbico, segundo ela o papel social de cuidado colocado na mulher aliado a imposição da vida dominical e recusa da via pública à mulher, são fatores que dificultam mulheres atuarem na política. Acrescento ainda aqui, uma leitura, em conjunto a esses dois fatores, devido à discriminação e segregação que lésbicas sofrem historicamente, as mulheres não assumidas não se sentem confortáveis em participar desses movimentos ou mesmo ainda estão em processo de reconhecer-se enquanto identidade lésbica.

Em 2008 teve ainda a primeira Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos LGBT e em 2009 a Coordenadoria Geral de Promoção de Direitos LGBT da Secretaria de Direitos Humanos do Brasil durante o governo da Dilma Rousseff (PT), a qual Mi ainda compôs. Nesse espaço, longe dos “seus” (como coloca), Mi

enxergou de forma mais profunda a invisibilidade e silenciamento que o movimento gay dar ao movimento lésbico, isso ocorre diante da inseparabilidade do machismo e sexismo. Ponto que não será aprofundado nesse trabalho, mas que merece ser em outro momento.

Ainda durante o governo da Luizianne Lins, a qual teve duas candidaturas enquanto prefeita e atualmente é Deputada Federal, grande parceira do movimento LGBTQIA+ em Fortaleza, foi inaugurado em 2011 o primeiro Centro de Referência da Diversidade Sexual Janaína Dutra, no âmbito municipal, o qual foi descontinuado por falta de verba após o término do governo da Luizianne. Atualmente, em 2021 foi inaugurado o primeiro Centro de Referência LGBT Thina Rodrigues, no âmbito estadual.

Por fim, para finalizar, embora a história de Mi não desse para se resumir a esse pequeno texto, atualmente ela integra o LAMCE, a Marcha Mundial das Mulheres, a associação Lesbi (Lésbicas e Bissexuais), o CLESC (Coletivo de Lésbicas Cearenses) e o Fórum Cearense LGBT.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, apesar de recente o movimento lésbico, não só ele, mas os movimentos sociais brasileiros datam principalmente meados dos anos 1970-1980; entretanto, apesar de recente o movimento LGBTQIA+ como um todo tem conquistado direitos sociais e civis que garantem uma cidadania (FACCHINI, 2002). Apesar disso, não se pode ignorar os desafios que é manter um movimento político ativo, sobretudo de mulheres. Além disso, essas conquistas ainda devem ser devidamente efetivada na cultura, local onde a disseminação do ódio e preconceito ainda perdura.

No Ceará, mulheres lésbicas e bixessuais têm se unido para pensar um novo coletivo de mulheres dissidentes para pautar suas singularidades cobrar de gestores municipais e estaduais políticas públicas, de cuidado e de visibilidade. Algumas destas, fazem de suas trajetórias materialidade de luta e (r)existência.

Na narrativa de Mi foi possível perceber a importância da dedicação contínua por parte de algumas mulheres para com o movimento lésbico. Foi possível assim identificar que os espaços políticos são pontos estratégicos, outrora ainda são espaços que ora insibilizam suas tentativas de mudanças, ora acolhem, a depender muito do grupo político no poder e seu ideal progressista a favor das lutas LGBTIQA+.

A partir dessa narrativa, espaços coletivos, que ora invisibilizam as lésbicas como instituições políticas, foram habitados e desmantelados pela presença de uma mulher lésbica que faz de seu corpo dissidente matéria de luta e (r)existência. Contribuindo assim para construir políticas públicas para a população LGBTQIA+ na cidade de Fortaleza. Entretanto, outros territórios também são importantes de serem coabitados, por isso, entende-se o corpo dissidente é matéria de luta e (r)existência.

Espera-se que esse trabalho tenha colaborado para analisar as nuances e desafios que é a luta, conquista e efetivação dos direitos, parecendo ser mais uma contínua luta. O que reitera ainda mais a necessidade de manter a militância ativa, não à toa que os coletivos lésbicos estão sempre atentos à formação políticas de novas ativistas. Além disso, espera-se ser contribuir também enquanto um dispositivo de memória de uma luta coletiva.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A. M. Da sodomita à lésbica: o gênero nas representações do homoerotismo feminino. **Análise Social**, v. 14, n. 195, p. 307-327, 2010.

CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Orgs.) **Psicologia social do racismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo**. 2002. 241 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/282012>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

GONÇALVES, J. A.; CARVALHO, A. R. R. F. Lesbianidade e Psicologia na contemporaneidade: uma revisão sistemática. **Gênero**, v. 20, n. 1, p. 135-156, 2019.

GUIMARÃES, A. F. P. “Uma lésbica é uma mulher?”: vozes e silêncios. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva Editora, 2019.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, v. 1, n. 5, p. 17-44, 2010.

FOUCAULT, M. **Doença mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos feministas**. v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MAYORGA, C. et al. As críticas de gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. **Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 463-484, 2013.

MIÑOSO, Y. E. Escrito de una lesbiana oscura: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidade em América Latina. París: Violeta Barrientos Silva, 2007.

PERES, M. C. C.; SOARES, S. F.; DIAS, M. C. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017**. Rio de Janeiro: Livros ilimitados. 2018.

OLIVEIRA, C. F. O Movimento Lésbico em Fortaleza – LAMCE: trajetória e ações de luta. **Cadernos de História**, v. 16, n. 24, p. 83-102, jan./jun. 2015.

PESSAGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusofona de Educação**, n. 33, p. 11-125, 2016.